

CENÁRIOS EPIDÊMICOS PINTADOS COM AS CORES DA POESIA DE CESÁRIO VERDE

EPIDEMIC SCENARIOS PAINTED WITH THE COLORS OF CESÁRIO VERDE'S POETRY

Valci Vieira dos Santos*

Universidade do Estado da Bahia - UNEB
Faculdade do Sul da Bahia - FASB

RESUMO: A cidade de Lisboa, capital portuguesa, durante a 2ª metade do século XIX, tornou-se palco de várias epidemias: primeiro a cólera, depois a febre amarela. Esse cenário dantesco afetou todo o cotidiano da capital. Como não poderia deixar de ser, escritores e poetas não deixaram de registrar, através de seus textos literários, hábitos e costumes que mudaram significativamente o cenário e o *modus vivendi* dos cidadãos. Dentre esses escritores e poetas, merece destaque a figura do poeta português, Cesário Verde (1855-1886), em cujo projeto literário é possível identificar a presença de quadros sociais de horror. Dentre os poemas que servirão de objeto de nossa análise, evidenciamos duas de suas obras-primas: “O Sentimento dum Ocidental” e “Nós”, além do poema “Nevroses”. Nesse sentido, este texto ocupa-se de analisar os poemas propostos, a partir de quadros trágicos que eles constroem, em face de cenários marcados por epidemias.

PALAVRAS-CHAVE: Cesário Verde. Lisboa. Epidemias.

ABSTRACT: The city of Lisbon, the Portuguese capital, during the second half of the 19th century, became the scene of several epidemics: first, cholera, then yellow fever. This Dantesque scenario affected the entire daily life of the capital. As it could not fail to be, writers and poets did not fail to register, through their literary texts, habits, and customs that significantly changed the scenery and *the modus vivendi* of citizens. Among these writers and poets, the figure of the poet Portuguese, Cesário Verde (1855-1886), in whose literary project it is possible to identify the presence of social pictures of horror, deserves to be highlighted. Among the poems that will serve as the object of our analysis, we evidence two of his masterpieces: "The Feeling of a Western" and "We", in addition of the poem "Nevroses". In this sense, this text is to analyze the proposed poems, from the tragic pictures that they build, in the face of scenarios marked by epidemics.

KEYWORDS: Cesário Verde. Lisbon. Epidemics.

* Doutor em Estudos Literários/Literatura Comparada pela UFF, com pós-doutorado em Letras pela Ufes. Professor Titular na Universidade do Estado da Bahia-UNEB; Professor Adjunto e Diretor Acadêmico da Faculdade do Sul da Bahia-FASB.

A DISCUSSÃO QUE GIRA EM TORNO DA EXISTÊNCIA dos campos de atuação da literatura, bem como a respeito dos significados que ela pode adquirir, à medida que a sociedade se transforma sob os mais diferentes aspectos, só faz ampliar reflexões sobre as possibilidades que o pensamento literário pode promover, já que este é expressivo por excelência, e enseja a construção de discursos, em cujo bojo é possível aos seus produtores estabelecer embates e escolhas.

Antonio Candido (2011), em seu texto *O direito à literatura*, que se constituiu em tema de palestra proferida no ano de 1988, e que passou a fazer parte da coletânea *Vários Escritos*, nos leva à reflexão sobre o que venha a ser literatura, assim como a sua funcionalidade. Nesse sentido, Candido, dentre as suas inúmeras manifestações sobre o fazer literário, evidencia a sua universalidade, que é manifestada por todos os homens em qualquer época. Além disso, atribui à literatura a condição de ser “um instrumento poderoso de instrução e educação”, e confere a ela, também, a prerrogativa de confirmar e negar, propor e denunciar, apoiar e combater, “fornecendo a possibilidade de vivermos dialeticamente os problemas.” (CANDIDO, 2011, p. 177)

Jean-Paul Sartre, por seu turno, em obra de fôlego intitulada *Que é a literatura?*, apresenta, ao seu leitor, inúmeras indagações sobre o ato da escrita, a função do escritor e da literatura. Sua análise a respeito do papel da literatura, a partir de obras de autores consagrados, nos instiga a não perder de vista a importância que a literatura exerce ao longo de sua historicidade, mesmo que investidas, durante o seu percurso, tentem reduzir seu campo de força. Para Sartre (2004, p. 217), por intermédio da literatura, “a coletividade passa à reflexão e à mediação, adquire uma consciência infeliz, uma imagem não-equilibrada de si mesma, que ela busca incessantemente modificar e aperfeiçoar.”

Ora, não seria exatamente essa uma das principais funções da literatura, qual seja, a de servir de instrumento de transgressão, sobretudo ao questionar o discurso do senso comum, com sua comprometida baixa consistência e suas

explicações de baixo teor categórico? Não teria, também, a literatura sua faceta pragmática, especialmente quando confronta o “princípio do prazer” com o “princípio da realidade”, além de se apresentar como uma arte da desalienação?

O que importa, em verdade, são as contribuições de natureza política, social, cultural etc. que a literatura tem apresentado à sociedade no decorrer das civilizações. Aliás, o próprio Sartre, em obra alhures referenciada, não perde tempo ao desmistificar a literatura, ou seja, ele a concebe também como um ofício, uma vez que faz parte de sua singularidade o trato com a linguagem humana. Assim, ao concebê-la sob esse prisma, o filósofo francês coloca em xeque o mito burguês que alça a literatura, ou a arte em geral, à condição de elevada expressão reservada a seres especiais, iluminados, como que comissionados por Deus, ou até mesmo pela natureza.

Conceber a literatura também como um ofício, como um ato da ação humana, implica lançar olhares sobre em que condições ela é produzida e sua leitura é realizada. Isso quer dizer que o escritor necessita da figura do leitor para ver sua obra ganhar impulso, ser percebida e sentida, provocando mudanças e transformações no *modus vivendi* de pessoas e de grupos sociais.

Historicamente, nem sempre a literatura foi recebida de braços abertos por determinados perfis de leitores, classes sociais, críticos literários e, sobretudo, pela ditadura do mercado editorial, uma vez que todos eles já trazem consigo um rol eivado de valores morais, artísticos e comportamentais, os quais são impiedosamente acionados para fazer valer seu *statu quo*. Assim, ao longo dos tempos, estéticas foram criadas, com seus objetos bem definidos, métodos rigorosos delineados, temáticas configuradas ao sabor de interesses que procuravam privilegiar determinadas classes sociais, em detrimento de outras com pouco ou quase nenhum poder de fala, numa flagrante adoção de subjetivismos de julgamentos.

Mas a literatura não é dada a entregar os pontos. Quedar-se não faz parte de sua vocação. Na verdade, a literatura acha-se sempre atenta às relações que ela mesma mantém com o meio social. Por isso, atribui-se-lhe a natureza de literatura engajada, ou seja, ela não mede esforços para abordar, discutir e provocar, no leitor, reflexões a respeito dos mais variados temas, especialmente de cariz social.

Do universo temático da literatura, vários são os motes que têm sido por ela pouco apropriados, talvez por questões de ordem estética, ou até mesmo política, como, por exemplo, doenças de qualquer natureza. Refletir sobre doenças, no campo literário, parece ter se constituído numa atividade de menor relevância, de pouco valor estético. Daí a importância, cada vez mais premente, de trazer para os seus fios narrativos outras experiências que não sejam apenas aquelas referendadas pelas elites, ou por classes legitimadoras de projetos de exclusão.

Aliás, ainda que na seara literária não existam inúmeras obras que tenham se debruçado sobre esse objeto de investigação, mesmo assim ele não foi negligenciado. Se fizermos uma retrospectiva histórica, v.g., chegaremos, inicialmente, ao poeta grego Homero (928 a.C.-898 a.C.), autor das obras clássicas *Odisseia* e *Iliada*. Nesta última, desde seus primeiros versos, é possível identificar referências à peste. A Grécia, em seu insistente assédio contra a cidade de Troia, acaba por despertar a fúria de deuses. Como que em busca de proteção, o aedo,¹ poeta divino, canta a ira de Apolo contra as investidas dos gregos sobre os troianos. Os gregos, por seu turno, não deixam de atribuir a Apolo a culpa por insuflar a intriga. Desse embate, instaura-se uma crise, que se culmina com uma praga que devastou os gregos por nove dias.

¹ Ao fazer referência a Apolo como provocador da intriga, por exemplo, no Canto I, versos 9-12, p 85, de *A Iliada*, é possível identificar a figura do aedo explicando a fúria e a reação divinas: “(...) Enfurecera-se o deus / contra o rei e por isso espalhara entre o exército / uma doença terrível de que morriam as hostes, / porque o Atrida desconsiderara Crises, seu sacerdote.”

Outra obra clássica digna de nota, que vem do mundo latino, e que é considerada um marco literário na ruptura entre a moral medieval e o início do realismo, é *Decameron*, de autoria de Giovanni Boccaccio (1313-1375), o qual, ao lado de Petrarca e de Dante, consubstancia-se na grande tríade da literatura latina. A obra *Decameron* narra a devastadora pandemia de 1348, a Peste Negra.² Em vários de seus contos, a peste dá o devido tom à construção de cenas trágicas, oriundas da desgraça que se abateu sobre a Europa, em particular sobre a cidade italiana de Florença.

Ao sairmos da Antiguidade greco-latina, passamos pela Idade Média, aportando-nos, em seguida, no século XX. Neste século, há uma obra que se tornou referência quando se trata de reflexões sobre doenças, epidemias, pandemias etc. Aludimo-nos à *A Peste*,³ do argelino Albert Camus (1913-1960). O livro foi escrito em 1947, logo após o término da Segunda Guerra Mundial (1939-1945).

² Boccaccio, ao narrar o flagelo da peste negra que dizimara o continente europeu, apresenta-nos, na verdade, um significativo documento de natureza histórica, uma vez que, ao longo de seus 100 contos, descreve a doença, bem como sua evolução, manifestações e sintomas, além dos impressionantes quadros realistas pintados com as cores de mortes horrendas e do desespero de pessoas absolutamente vulneráveis diante da doença que grassava pelos quatro cantos da Europa. Logo no início da aludida obra, à p. 31, seu autor passa a descrever a terrível doença e suas consequências. Apesar de longo, vale a pena citar o texto que tão bem ilustra o cenário dantesco narrado por Boccaccio: “Digo, pois, que já havíamos chegado ao ano profícuo da Encarnação do Filho de Deus, de 1348, quando, na egrégia cidade de Florença, mais bela do que qualquer outra cidade itálica, sobreveio a mortífera pestilência. Por iniciativa dos corpos superiores, ou em consequência das nossas ações iníquas, esta pestilência, lançada sobre os mortais por justa ira de Deus e para nossa expiação, começara nas plagas orientais, alguns anos antes. Essa pestilência privara aquelas plagas de inumerável quantidade de pessoas vivas. Sem tréguas, passara de um lugar a outro; e expandira-se miseravelmente para o Ocidente.

Naquela cidade de Florença, cuidado algum valeu, nem importou qualquer providência humana. A praga, quase no início da primavera do ano referido, começou, a despeito de tudo, a mostrar, horrivelmente, e de modo miraculoso, os seus efeitos. De muita imundície a cidade se purificou, por obra de funcionários para tal fim admitidos. Proibiu-se a entrada, nela, de qualquer enfermo. Muitos conselhos se distribuíram, para a conservação do bom estado sanitário. De nada valeram as súplicas humildes, feitas em grande número, ora por pessoas devotas isoladas, ora por procissões humanas alinhadas, e ora por outras formas dirigidas a Deus”.

³ Neste fragmento extraído da obra *A Peste*, é possível perceber o cenário da dor e do sofrimento causados pela doença: “Contudo, foi nessa mesma data, ao meio-dia, que o Dr. Rieux, ao parar o carro na porta de casa, viu ao fundo da rua o porteiro que caminhava com dificuldade, de cabeça baixa, com os braços e as pernas afastados, parecendo um fantoche. O velho apoiava-se no braço de um padre que o doutor reconheceu. Era o reverendo Paneloux, um jesuíta erudito e militante que ele já encontrara algumas vezes e que era muito estimado na nossa cidade, mesmo por aqueles que não são religiosos. Esperou-os. O velho Michel tinha os olhos brilhantes e a respiração ruidosa. Não se sentia muito bem e tinha saído para tomar ar, mas dores agudas no pescoço, nas axilas e nas virilhas tinham-no obrigado a voltar e a pedir auxílio ao padre Paneloux”.

Muitos críticos de *A Peste* entendem tratar-se de uma metáfora para a denúncia de opressões, como, v.g., a guerra e o nazismo. A narrativa se desenvolve tendo a cidade natal de Camus, Orã, como *locus* de acontecimentos. Ratos começam a morrer, e a doença, transmitida por eles, a seres humanos, dá o tom a uma contaminação responsável pelo flagelo de toda uma cidade, que se vê obrigada a entrar em quarentena.

A literatura portuguesa, a exemplo das aqui elencadas, também trouxe a lume importantes escritores que se debruçaram sobre o universo de doenças que marcaram o cenário do país luso. A título de ilustração, “Ensaio sobre a Cegueira”, do escritor português e Nobel de Literatura, José Saramago (1922-2010), é uma dessas obras que não deixaram passar incólume a importância de refletir a respeito de doenças, até porque, falar sobre doenças, suas causas e consequências, implica falar, outrossim, da própria condição humana. Uma cegueira branca que acomete a todos é a responsável pela condução do fio narrativo da obra saramaguiana.

Outro autor português que também soube traçar um panorama social de sua época, ao construir poemas que retrataram uma época marcada por doenças e pela miserabilidade humana, sem dúvida, foi Cesário Verde (1855-1886).

A cidade de Lisboa, capital portuguesa, local de nascimento de Cesário Verde, especialmente durante a 2ª metade do século XIX, tornou-se palco de várias epidemias. Primeiro a cólera, depois a febre amarela. Durante três anos de surtos epidemiológicos, a capital portuguesa se viu amedrontada, sobretudo diante da falta de políticas públicas voltadas para as melhorias sanitárias, o que ocasionou centenas de infectados e a morte de mais de 5.000 pessoas, por volta dos anos de 1856-57.⁴ Esse cenário dantesco afetou todo o cotidiano da capital, transformando-a em cidade de ruas particularmente desertas, com seus

⁴ Vale a pena consultar o “Relatório da Epidemia de Febre Amarela em Lisboa, no Anno de 1857”, que se encontra no endereço eletrônico: <https://www.ihmt.unl.pt/relatorio-da-epidemia-em-lisboa-no-anno-de-1857-livro/>. Nele, constam interessantes informações sobre a doença e sobre o seu aparecimento, pela primeira vez, na Europa, em Lisboa, no ano de 1723, bem como as incipientes políticas públicas para o seu combate e tratamento.

estabelecimentos comerciais fechados, assim como casas de espetáculos. Hospitais civis foram criados com o fim específico de tratamento da febre amarela. Os meios de comunicação, em especial os jornais, na tentativa de minimizar o pânico que grassava entre a população lisboeta, diminuíram consideravelmente o destaque antes dado aos óbitos.

Assim, é possível identificar, no projeto literário de Cesário Verde, a presença de quadros sociais de horror vivido pela cidade lisboeta. Dentre os poemas que servirão de objeto de nossa análise, evidenciamos duas de suas obras-primas: “O Sentimento dum Ocidental” e o poema “Nós”. Além destes, pretendemos, também, lançar mão do poema “Nevroses” ou “Contrariedades”, cujos sujeitos poemáticos nos ajudam a refletir a respeito do contexto dessa época. Nesse sentido, este texto ocupa-se de analisar os poemas propostos, a partir dos quadros trágicos que eles constroem, em face de cenários marcados por epidemias que assolaram a população lisboeta.

A poesia de Cesário Verde e seus cenários epidêmicos

“O Sentimento dum Ocidental”, primeiro poema proposto para análise, é, sem dúvida, uma de suas obras-primas. Sua primeira versão foi publicada ainda em vida do autor; a segunda, em *O Livro de Cesário Verde*, no ano de 1887, após a sua morte.

“A primeira quadra abre o poema “O Sentimento dum Ocidental” revelando-nos o sentimento de desespero e protesto do poeta que se sente atormentado face à cidade de Lisboa, percorrida desde o anoitecer até à completa escuridão das ‘horas mortas’” (SANTOS, 2017, p. 96). Esse sentimento de desespero e protesto, evidenciado por Santos, torna-se a grande tônica que passa a atravessar todo o poema, em cujas deambulações pela cidade de Lisboa, o eu lírico acaba por se dar conta da existência de imagens da vida burguesa citadina e de imagens das massas trabalhadoras. Estas duas instâncias exibem duas faces de uma mesma moeda: de um lado, tipos sociais da sociedade burguesa, com

sua opulência e suas “montras dos ourives”; de outro, massa de trabalhadores sufocados pela exploração de seus patrões, “de jaquetão ao ombro, enfarruscados, secos”.

A cidade lisboeta, pintada por Cesário Verde, é a do século XIX. Uma cidade marcada por fortes contradições, pela ausência de políticas públicas que só faz agravar ainda mais a situação de uma população que se acha absolutamente vulnerável em face de quadros epidêmicos que assolam a nação. Não são poucos os versos do poema que denunciam esse estado de coisas:

Descalças! Nas descargas de carvão,
Desde manhã à noite, a bordo das fragatas;
E apinham-se num bairro aonde miam gatas,
E o peixe podre gera os focos de infecção!
(p. 142)

(...)

Toca-se as grades, nas cadeias. Som
Que mortifica e deixa umas loucuras mansas!
O aljube, em que hoje estão velhinhas e crianças,
Bem raramente encerra uma mulher de “dom”!

E eu desconfio, até, de um aneurisma
Tão mórbido me sinto, ao acender das luzes;
À vista das prisões, da velha Sé, das cruzes,
Chora-me o coração que se enche e que se abisma.
(p. 143)

Nos versos acima, a presença de vocábulos que denotam aprisionamento, dor, sofrimento, nos remete a uma Lisboa que vivia amedrontada, em decorrência de surtos epidemiológicos: primeiro, a cólera; depois, a febre amarela. E os surtos se alastravam ainda mais à medida que as pobres condições sanitárias e fracos cuidados de higiene exibiam suas veias abertas. No mês de julho de 1857, por exemplo, a epidemia eclodiu de modo devastador, sobretudo na capital, permanecendo até ao primeiro trimestre de 1858. De acordo com o já mencionado “Relatório da Epidemia de Febre Amarela em Lisboa”, “o surto de cólera que, entre 1855 e 1856 afetou a cidade e provocou 3.275 mortes, levando à adoção de medidas especiais de limpeza da via pública e habitações, assim como à limitação da venda de comestíveis em mercados.”

À medida que o eu poemático percorre as ruas de Lisboa, mais fácil é perceber o quanto ele sofre em face dos quadros trágicos que se avultam à sua frente: estabelecimentos comerciais fechados; hospitais civis criados especialmente para atender às vítimas da febre amarela; ruas desertas; moradores afugentados, à procura da zona rural, iludidos com a possibilidade de passarem incólumes à epidemia. A cidade torna-se triste, sofrida, desolada, sobretudo diante da sucessão de óbitos apresentados pelas graves estatísticas. Há um verdadeiro desfile, por entre as ruas da capital lusa, de esquifes em direção aos cemitérios. Tudo isso afeta seu imaginário, levando-o, inclusive, a ter sonhos e pesadelos. Há uma sucessão de cenários pintados com as cores da angústia, do medo e da morte:

E eu sonho a Cólera, imagino a Febre,
Nesta acumulação de corpos enfezados;
Sóbrios e espectrais recolhem os soldados;
Inflama-se um palácio em face de um casebre.

(...)

Triste cidade! Eu temo que me avives
Uma paixão defunta! Aos lampiões distantes,
Enlutam-se, alvejando, as tuas elegantes,
Curvadas a sorrir às montras dos ourives.
(p. 144)

As impressões registradas desses cenários pelo eu lírico, que se coloca na condição de um *flâneur*, são captadas à medida que ele deambula pelas ruas de Lisboa, desde o crepúsculo até a madrugada. Tais impressões chegam ao ápice de sua desilusão, principalmente porque ele se dá conta da dimensão da dor humana, como demonstrado na última estrofe do poema:

E, enorme, nesta massa irregular
De prédios sepulcrais, com dimensões de montes,
A Dor humana busca os amplos horizontes,
E tem marés, de fel, como um sinistro mar!
(p. 148)

O próximo poema que estará sob análise intitula-se “Nós”. Ao lado de “O Sentimento dum Ocidental”, se constitui em duas obras-primas do projeto literário cesárico. O poema foi publicado em setembro de 1884, no veículo de comunicação *A Ilustração*, no nº 9. Escrito, em Lisboa, entre os anos 1881 e

1882, quando o poeta contava com 29 anos, parece revelar um momento de significativo otimismo do poeta. Ao que tudo indica, ele, diante do sofrimento de uma tuberculose que há muito o perseguia, julgava sentir-se melhor. No poema, dá-se a evocação da peste, além da morte de uma irmã, ocorrida em 1872, e a do irmão, Joaquim Tomás, morto em 1882, de tuberculose.

“Nós” é um poema “pintado” com as cores de dois polos que aparentemente se contradizem: a cidade e o campo. O sujeito poético perambula por dois espaços significativos: a cidade, *locus* das andanças de seus habitantes, das fumaças das chaminés, do barulho ensurdecido das fábricas, das doenças e da morte: “Ó cidades fabris, industriais / De nevoeiros, poeiradas de hulha, / Que pensais do país que vos atulha / Com a fruta que sai de seus quintais? (p. 170); e o campo, para onde as pessoas fogem da miséria urbana, da peste, das doenças infectocontagiosas. O campo é o lugar da renovação de forças, da vitalidade: “E o campo, desde então, segundo o que me lembro, / É todo o meu amor de todos estes anos! / Nós vamos para lá; somos provincianos / Desde o calor de maio aos frios de novembro!” (p. 165).

Ao fazermos contato com a biografia e a história da família de Cesário Verde, fácil é perceber o quanto elas serviram de matéria para a construção do poema. A narrativa que deu conta de evidenciar a saga da família Verde tem início desde a sua primeira estrofe. Nas que se seguem, o leitor se depara com uma sucessão de eventos que demonstram o quanto a cidade de Lisboa estava passando por períodos de crises sanitárias graves. As epidemias (cólera, peste, tifo, gripe) tomaram conta dos cenários citadinos entre os anos de 1854, 1856 e 1899. A imprensa, de um modo geral, passou a priorizar, em seus veículos de comunicação, os temas da saúde e da higiene. As estatísticas, com os números de contaminados e óbitos, passaram a deixar toda a população em estado de desespero. A rotina da cidade sofreu profundos abalos. O pânico grassou pelos quatro cantos da cidade, sobretudo diante dos quadros trágicos que se tornaram a grande tônica do cotidiano de seus habitantes. As estrofes, abaixo, são assaz ilustrativas desse estado de coisas:

Foi quando em dois verões seguidamente a Febre
E o Cólera também andaram na cidade,
Que esta população, com um terror de lebre,
Fugiu da capital como da tempestade.

(...)

Se acaso o conta, ainda a fronte se lhe enruga:
O que se ouvia sempre era o dobrar dos sinos;
Mesmo no nosso prédio, os outros inquilinos
Morreram todos. Nós salvámo-nos na fuga.

Na parte mercantil, foco da epidemia,
Um pânico! Nem um navio entrava a barra,
A alfândega parou, nenhuma loja abria
E os turbulentos cais cessaram a algazarra.

Pela manhã, em vez dos trens dos baptizados,
Rodavam sem cessar as segas dos enterros.
Que triste a sucessão dos armazéns fechados!
Como um domingo inglês na “city” que desterros!
(p. 163)

A narrativa de acontecimentos sobre epidemias e suas consequências, tão bem arquitetada pelo sujeito poético, no século XIX, impressiona a todos os leitores que, recentemente, passaram também por essa experiência, por ocasião da Covid-19, doença causada pelo novo coronavírus. A atualidade temática do poema de Cesário Verde, bem como sua capacidade de construir uma escrita em que a expressão de sua estrutura poética serve de análise comparativa em face de dois momentos históricos, ou seja, os séculos XIX e XXI, leva a nós, leitores, a identificar, no aludido poema, inúmeros quadros trágicos que denotam as consequências da Covid-19, *mutatis mutandis*, similares aos dos oitocentos.

Mas as referências às epidemias continuam a alimentar os fios que entretecem a narrativa de “Nós”, até porque, sendo a morte o grande tema, o que não faltam são vocábulos que são remetidos a ele: “Febre”, “Cólera”, “terror de lebre”, “tempestade”, “o dobrar dos sinos”, “foco de epidemia”, “segas de enterros”, “secavam dejeccções”, “prédios macilentos”, “tons de inferno”, “o horizonte em brasa”, “lívido flagelo” e “moléstia horrenda” são alguns desses termos.

Por outro lado, a presença de inúmeras estrofes que marcam a tensão do sujeito poético, em face das epidemias e da iminência da morte, dá a devida nota ao contexto epocal, além de sinalizar a precariedade e a contingência da vida individual do poeta, constituindo-se, ambos, ao *leitmotiv* desse poema marcado, segundo Mario Higa, em suas notas a *Poemas Reunidos*, de Cesário Verde, “pela verdade descritiva, pela intensidade de colorido, pela ternura do sentimento, pela apurada elegância do verso e pela novidade das imagens, [que] desafiam com vantagem as melhores composições poéticas dos melhores períodos da literatura portuguesa” (VERDE, 2010, p. 260). As estrofes seguintes corroboram os comentários de Higa, senão, vejamos:

(...)

“Moléstia negra” nem “charbon” não era,
Como um archote incendiando as parras!
Tão-pouco as bastas e invisíveis garras,
Da enorme legião do filoxera!
(p. 180)

(...)

Era uma tísica em terceiro grau,
Que nos enchia a todos de cuidado,
Te curvava e te dava um ar alado
Como quem vai voar dum mundo mau.

(...)

Não desejemos, - nós os sem defeitos, -
Que os tísicos pereçam! Má teoria,
Se pelos meus o apuro principia,
Se a Morte nos procura em nossos leitros!

A mim mesmo, que tenho a pretensão
De ter saúde, a mim que adoro a pompa
Das forças, pode ser que se me rompa
Uma artéria, e me mine uma lesão!

(...)

(p. 181)

O terceiro e último poema, que faz parte do *corpus* deste texto, chama-se “Nevroses”.⁵ O poema foi publicado no jornal “O Porto”, em Março de 1876. Uma das facetas de um dos principais eixos temáticos da poesia de Cesário Verde ganha espaço privilegiado em seus versos: a desilusão. O Poeta revela-se revoltado diante da desumanidade e da ignorância que marginalizam e oprimem os mais fracos. Se, diante de epidemias, quase todos os habitantes de uma cidade, país, se veem vulneráveis em face do poder avassalador de suas consequências, há de se imaginar o quanto mais vulneráveis estão aqueles que não dispõem de recursos financeiros, para a adoção de medidas preventivas, ou até mesmo de combate à doença.

Nesse sentido, ao passarmos em revista os versos que enformam o poema “Nevroses”, o sujeito poético nos dá a conhecer tipos sociais vítimas do decantado “progresso” do século XIX, com seus antagonismos e perversidades. Por entre esses versos, avulta-se a figura de uma pobre engomadeira, que sofre os males da tuberculose. O quadro da tísica, com o qual ele se depara, o incomoda, faz-lhe perder o bom humor, por isso não mede esforços para dizer: “Eu hoje estou cruel, frenético, exigente; / Nem posso tolerar os livros mas bizarros. / Incrível! Já fumei três maços de cigarros / Consecutivamente” (p. 108). E, à medida que ele toma conhecimento acerca da vida da engomadeira, mais encolerizado ele se torna, o que o leva, fatalmente, à narrativa de versos representativos de um “eu” que se solidariza diante de humilhações sofridas pelos menos privilegiados. A imagem da engomadeira, na verdade, é a metáfora da mulher sofredora, de pessoas silenciadas pela falta de políticas públicas e de projetos de inclusão. As estrofes, abaixo, seguem nessa direção:

Pobre esqueleto branco entre as nevadas roupas!
Tão lívida! O doutor deixou-a. Mortifica.
Lidando sempre! E deve a conta à botica!
Mal ganha para sopas...
(p. 108)

(...)

⁵ Em *O Livro de Cesário Verde*, organizado por Silva Pinto, o poema leva o nome de “Contrariedades”, e se acha inserido na Parte II. Naturais.

E a tísica? Fechada, e com o ferro aceso!
Ignora que a asfixia a combustão das brasas,
Não foge do estendal que lhe humedece as casas,
E fina-se ao desprezo!

(p. 110)

Assim, o poema “Nevroses”, segundo Fátima Rodrigues, em sua obra *Cesário Verde: Recepção oitocentista e poética*, sustenta que

Do exterior emerge a engomadeira, vítima da “depravação” do mundo e dos seus costumes, num drama especular ao do sujeito e, no entanto outro, pois o desprezo e o abandono assumem, no caso da tísica, a situação-limite de estigmas da doença e da morte. Consequentemente a presença da engomadeira, se dramatiza o estar no mundo, desdramatiza também por contraste o estar contra o mundo que motivou o poema, viabilizando assim o distanciamento necessário a uma delimitação mais clara dos motivos da crise em que se afunda o sujeito. (RODRIGUES, 1998, p. 136)

Conclusão

O projeto literário de Cesário Verde, a bem da verdade, se constitui num manancial de possibilidades de análise literária. Pouco mais de trinta poemas enformam a obra completa de um dos maiores nomes da poesia portuguesa. Cesário Verde, com seu talento incontestado e reconhecido poeta transgressor, nos deixou de herança poemas que atravessam as mais diferentes e dominantes estéticas, chegando a ter mesmo consciência do embate travado entre essas mesmas estéticas e a modernidade da sua estesia.

Cesário Verde, tal qual um fotógrafo profissional, que não deixa escapar nenhuma cena do cotidiano, com o seu instantâneo aguçado, transformou a sua arte literária em um poderoso instrumento de denúncia, cuja matéria-prima, a palavra, fez ecoar e ressoar versos que se constituíram em verdadeiros “quadros revoltados”, quadros estes pintados com as cores da injustiça, das desigualdades, da falta de políticas públicas para prevenir e curar doenças, da omissão do Estado, de um modo geral. O universo temático de Cesário Verde não ignorou nenhuma cena do cotidiano, por isso foi capaz de captar até mesmo matérias poéticas consideradas de menor importância, como os temas da dor,

do sofrimento, das doenças e da morte. Por isso, ele declara, em uma das estrofes de “O Sentimento dum Ocidental”:

E eu, de luneta de uma lente só,
Eu acho sempre assunto a quadros revoltados:
Entro na *brasserie*; às mesas de emigrados,
Ao riso e à crua luz joga-se o dominó.
(p. 152)

Referências

BOCCACCIO, Giovanni. *O Decamerão*. Tradução de Raul de Polillo. Introdução de Edoardo Bizzarri. 3 ed. Rio de Janeiro: Editora Nova Fronteira, 2018.

CAMUS, Albert. *A Peste*. Tradução de Valerie Rumjanek. Rio de Janeiro/São Paulo: Editora Record, 2017.

CANDIDO, Antonio. *Vários Escritos*. Rio de Janeiro: Ouro sobre Azul, 2011. p. 171-193).

CESÁRIO VERDE. *Obra completa*. Prefácio, organização e notas de Joel Serrão. Lisboa: Livros Horizonte, LDA., 1999.

CESÁRIO VERDE. *Poemas Reunidos*. Introdução e Notas Mario Higa. Cotia, SP: Ateliê Editorial, 2010.

HOMERO. *Ilíada*. Tradução de Frederico Lourenço. São Paulo: Penguin; Companhia das Letras, 2013.

RODRIGUES, Fátima. *CESÁRIO VERDE: Recepção oitocentista e poética*. Lisboa: Edições Cosmos, 1998.

SANTOS, Valci Vieira dos. *Tragicidade nas poéticas de Cesário Verde e Cruz e Sousa*. Campinas, SP: Pontes Editores, 2017.

SARTE, Jean-Paul. *Que é a Literatura?* São Paulo: Editora Ática, 2004.